

15 OUT 2002

VALOR ECONÔMICO

ELEIÇÃO PRESIDENCIAL

Petróleo Especialistas temem uma atitude mais intervencionista dos tucanos na política de preços da Petrobras

Analistas esperam menos ingerência do PT

Cláudia Schüffner

Do Rio

Falta clareza aos candidatos à presidência quanto aos rumos que se pretende dar ao setor de petróleo em geral e a Petrobras em particular. São grandes as expectativas com relação à política de preços dos derivados que a estatal passará a obedecer no próximo ano, assim como as encomendas que podem aumentar ou manter o atual grau de comprometimento dela com a indústria nacional, e sobre a continuidade da política de internacionalização, só para citar alguns temas.

Atualmente a Petrobras está comprimindo os preços da gasolina e foi forçada a reduzir em

12,4% o preço do GLP residencial. O mercado vê com preocupação essas ingerências nos preços, e um exemplo disso é que o analista Rony Stefano, do BBV Banco, rebaixou de US\$ 725 milhões para US\$ 300 milhões a expectativa de lucro da companhia no terceiro trimestre. "Segurar o preço da Petrobras é miopia do governo porque eles estão olhando o curto prazo, esquecendo que no futuro o setor vai carecer de investimento direto", diz Stefano.

O que se pode perceber dos assessores econômicos do Partido dos Trabalhadores (PT), de Lula, e do PSDB de José Serra, é que, em determinados aspectos, as idéias do PT para o setor de petróleo parecem mais liberais do que as do

PSDB. O físico Luiz Pinguelli Rosa, diretor da Coordenação de Programas de Pós-Graduação da UFRJ e assessor de Lula para a área de energia, e o deputado federal Luciano Zica (PT) defendem que a Petrobras tenha liberdade para fixar seus preços com base na cotação internacional, enquanto o projeto do PSDB é de que os custos no Brasil não sejam dolarizados.

Para reduzir os impactos das flutuações do petróleo no mercado internacional e do câmbio no cenário doméstico, o programa do PT defende a utilização da Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide). Gesner Oliveira, assessor de José Serra, afirma que os derivados de petróleo não podem refletir de ma-

neira automática às oscilações de preço no mercado internacional. "Os investimentos da Petrobras não são 100% em dólar e por isso tem que ser aplicado um conceito de custo de oportunidade. Claro que a referência internacional é importante, mas não o mercado spot", afirma Oliveira.

Em comum os dois candidatos defendem um maior grau de nacionalização das encomendas da Petrobras, o que deve aumentar as chances das plataformas P-51 e P-52 serem construídas no Brasil. Luciano Zica diz que o PT entende que cabe ao BNDES financiar a indústria naval, de modo que a grande maioria das encomendas da Petrobras fique no Brasil.

"Isso evita remessas para o exterior, gera impostos e empregos no país e uma empresa pública como a Petrobras tem que levar em conta coisas como essas", afirma Zica.

Em um ponto, a proposta de Zica para a Petrobras pode gerar polêmica. Ele é contra os planos da companhia de chegar a 2005 produzindo 1,9 milhão de barris no Brasil, o que significaria a auto-suficiência do país. Ele diz que o PT não tem pressa de ver o país atingir a auto-suficiência ao custo de esgotar suas reservas nos próximos 15 anos, considerando-se o atual padrão de consumo. "Importar 25% do petróleo que consumimos é prudente. Hoje importamos US\$ 1,3 bilhão em óleo diesel e podemos substi-

tuí-lo por biodiesel produzido aqui. Essa é uma das formas de protegermos nossas reservas", diz Zica, também defensor da construção de uma refinaria no Nordeste, pela Petrobras, ao invés dela adquirir uma nos Estados Unidos. O programa de Serra não entra nesse assunto.

Zica e Pinguelli dizem não conhecer suficientemente os detalhes da compra da argentina Perez Companc, mas o professor da Coppe acha que a Petrobras pagou muito caro (US\$ 1,2 bilhão) pela companhia, considerando que ela produz apenas 116 mil barris de óleo, menos do que os 180 mil barris que estaria produzindo uma plataforma da Petrobras, a P-36, que afundou.